ORGANIZAÇÃO
Agostinho Junior Holanda Coe
Maria Auxiliadora do Nascimento Oliveira
Vitorino Leite de Sousa

SABERES E FAZERES INDÍGENAS

TABAJARAS/PIRIPIRI/PI/BRASIL

Editora
SERTÃO CULT

ORGANIZAÇÃO
Agostinho Junior Holanda Coe
Maria Auxiliadora do Nascimento Oliveira
Vitorino Leite de Sousa

SABERES E FAZERES INDÍGENAS

TABAJARAS/PIRIPIRI/PI/BRASIL

Sobral - CE
2025

Editora
SERTÃO CULT

SABERES E FAZERES INDÍGENAS - TABAJARAS/PIRIPIRI/PI/BRASIL
© 2025 copyright by Agostinho Junior Holanda Coe, Maria Auxiliadora do Nascimento Oliveira e Vitorino Leite de Sousa (Orgs.)
Impresso no Brasil/Printed in Brazil

Editora SERTÃO CULT 10 anos

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Cordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antônio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antônio Jerfson Lins de Freitas

Conselho editorial
Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares (UFG)
Dr. Antonio Iramar Miranda Barros (Seduc-CE)
Dr. Carlos Augusto Pereira dos Santos (UVA)
Dr. Cid Morais Silveira (UFRN)
Dr. Felipe Azevedo Cazetta (UEMC)
Dra. Geranilde Costa e Silva (Unilab)
Dr. Gilberto Gilvan Souza Oliveira (UFC)
Dr. João Batista Teófilo Silva (UFMG)
Dra. Juliana Magalhães Linhares (Uninta)
Dra. Valéria Aparecida Alves (UECE)

Revisão
Antônio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação
Rosilene Alves de Albuquerque

Catalogação
Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

S116 Saberes e fazeres indígenas: Tabajaras- Piripiri (PI),Brasil./ Organizado por Agostinho Júnior Holanda Coe, Maria Auxiliadora do Nascimento Oliveira, Vitorino Leite de Sousa. - Sobral, CE: Sertão Cult, 2025.

80p.

ISBN: 978-65-5421-265-6 - E-book em pdf
ISBN: 978-65-5421-264-9 – papel
Doi: 10.35260/54212656-2025

1. Povos indígenas — Piauí. 2. Cultura indígena brasileira. 3. Saberes tradicionais. 4. Tabajaras — Piripiri (PI). I. Coe, Agostinho Júnior Holanda. II. Oliveira, Maria Auxiliadora do Nascimento. III. Sousa, Vitorino Leite de. IV. Título.

CDD 305.800981
Grupos étnicos do Brasil

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE INDÍGENA CANTO DA VÁRZEA
CNPJ: 27.528.681/0001-11
CEP 64.260-000 - PIRIPIRI – PI

LIVRO DEDICADO À LUTA E RESISTÊNCIA INCANSÁVEL DO PRIMEIRO CACIQUE RECONHECIDO NO PIAUÍ - CACIQUE JOSÉ GUILHERME - PIRIPIRI (PI)

ORGANIZADORES

AGOSTINHO JUNIOR HOLANDA COE

Agostinho Junior Holanda Coe é Professor Associado do Centro de Ciências Humanas e Letras/Departamento de História/UFPI e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPI. No contexto da pandemia da COVID-19 em 2020, nas suas incursões por novas descobertas e sentidos para a vida, deparou-se com a oportunidade de conhecer os Povos Tabajaras de Piripiri, a partir do Projeto de Extensão Saberes e Fazeres Afro-indígenas no Piauí. Completamente seduzido pelas histórias de lutas e resistências dos Tabajaras, conectou-se com as matas, os encantados e os ancestrais indígenas, de forma que já não consegue passar muito tempo distante dos seus parentes de Piripiri/PI. Hoje coordena o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão com Povos e Comunidades Tradicionais – "PIAUÍAFROINDÍGENA", voltando todas as suas experiências de pesquisa para estabelecer confluências com comunidades indígenas, comunidades quilombolas, povos de terreiro, dentre outras possibilidades de conexões ancestrais.

MARIA AUXILIADORA DO NASCIMENTO OLIVEIRA

Maria Auxiliadora do Nascimento Oliveira, é indígena da etnia Ypy e atual Presidenta da Associação da Comunidade Indígena Organizada Canto da Várzea/Piripiri/PI. Como liderança feminina, vem rompendo barreiras sobre a importância do protagonismo das mulheres nos movimentos indígenas do Piauí e do Brasil, fazendo ecoar a história dos Tabajaras de Piripiri em eventos nacionais e internacionais. Grande defensora da preservação das matas e das florestas piauienses, como lugar dos encantados e ancestrais indígenas, vem se destacando como uma das maiores lideranças dos Tabajaras Ypy, sendo sempre convidada para dar seu testemunho de luta e resistência ancestral, como uma missão herdada de várias gerações de parentes que já habitavam o território do Piauí.

VITORINO LEITE DE SOUSA

Vitorino Leite de Sousa, mais conhecido como Pajé Vitor, pertence à etnia Tabajara Ypy, reside no Canto da Várzea, em Piripiri/PI, há mais de 20 anos. Pajé, Pai de Santo, Curandeiro e especialista em medicina indígena, dedica sua vida à preservação dos saberes tradicionais, à luta pelos direitos dos povos originários e à promoção da saúde e educação indígena no Estado do Piauí. Sempre valorizou e compartilhou os saberes ancestrais sobre as ervas medicinais e as matas, que para ele representa um verdadeiro patrimônio de cura e resistência do povo Tabajara. Dedica sua vida para dar visibilidade às curas indígenas, a conscientização sobre a importância da preservação das matas e florestas, a valorização das práticas de saúde indígena e das tradições dos povos originários, que carregam uma sabedoria indispensável para o retorno do equilíbrio/conexão entre o homem e a natureza.

AGRADECIMENTOS

Nossos sinceros agradecimentos a todas as pessoas que participaram das oficinas, contribuindo para o êxito das nossas conexões ancestrais. Agradecimentos a Maria dos Remédios, por cuidar com tanto carinho da nossa alimentação, a Mercês e "Domingão", ao "João Sorriso", ao Pádua, ao Cacique Marcos, que estavam sempre disponíveis para ajudar na logística necessária para a realização das oficinas. A todos os profissionais da Prefeitura de Piripiri, de diversas secretarias, instituições públicas e privadas, amigas, amigos, que estiveram conosco nas oficinas, formando parcerias e dialogando sobre as diversas modalidades de inclusão dos saberes das matas nas nossas vivências cotidianas.

Por fim, nossa mais terna gratidão à toda a comunidade indígena dos Tabajaras de Piripiri/PI, pelo apoio e acolhimento! Ao Pajé Vitor, que cedeu sua casa, a oca, seu tempo, sua energia, a seu Zé Pilintra, sempre conosco, todos os encantados e seres das matas que nos deram a permissão e proteção para que tudo ocorresse como planejado (por eles)!

Caroline, filha do Cacique Marcos

DAS MATAS DOS PIAUÍ, CONEXÕES ANCESTRAIS EM PIRIPIRI

Este livro é fruto de experiências e conexões ancestrais que não começaram em 2025. Com o aguçamento da pandemia da COVID-19, tendo o seu auge no período de 2020 a 2022, a partir do fechamento das cidades e a necessidade da reclusão em nossas residências para conter a expansão do vírus, todas e todos nós, querendo ou não, tivemos que repensar a nossa existência. Ao findar esse período de excepcionalidade, "ganhar o mundo" era o sonho de muita gente, mesmo que fosse a liberdade de ir à esquina! Diante de tal desafio, o retorno gradativo à normalidade significou para nós a criação de um Projeto de Extensão que nos permitisse sair de certa aridez do ambiente acadêmico e dialogar com comunidades indígenas e quilombolas no Piauí. Em meio a tantas experiências transformadoras vividas nas comunidades quilombolas e indígenas, de 2022 para cá, os nossos ancestrais nos levaram à Piripiri/PI. Lá encontramos o indígena Rodolfo, que nos levou ao Cacique José Guilherme, ao Pajé Chicão, ao Pajé Vitor, à indígena Maria Auxiliadora, à indígena Mercês, às diversas lideranças indígenas da região. De forma consciente ou não, foi lá que "nos curamos" dos traumas da clausura, na mata virgem, nos saberes das ervas, nas conversas com os guias, nas gargalhadas todo fim de noite! Não sei em que nível de sanidade mental estaríamos, caso não tivéssemos encontrado vocês pelo caminho!

Nas várias conversas, um dos assuntos principais era a necessidade de pensar projetos que permitissem o fortalecimento das ancestralidades indígenas no Piauí, para tal feito, precisávamos de oportunidades! Com a abertura do edital da PNAB e a aprovação do projeto, tivemos a oportunidade de colocar as ideias no papel e, com a forca dos ancestrais e o fôlego para cumprir todas as burocracias, executar seis oficinas de fortalecimento das ancestralidades indígenas dos Tabajaras Ypy. As imagens que seguem retratam um universo muito pequeno de tudo que vivenciamos nas oficinas, algumas experiências levaremos para a vida pois não há explicações possíveis no universo das racionalidades humanas! Por tudo e por tantos, pelo imponderável, nossa gratidão!

Momento de força na aroeira sagrada

Batismo de um novo Tabajara Ypy

Lideranças indígenas reunidas

Pajé Chicão

Médium Antônio de Pádua batizando novo Tabajara Ypy

Médium Daniel Rodrigues
21ª
FIOCRUZ
Piauí
Conectando a
Ancestralidade e
Ciência:
enfrentamento ao
racismo ambiental
para a manutenção
dos biomas
fiocruz

Momento de reunião nas oficinas

“UMA FORMA DE VIOLENTAR, TANTO OS NEGROS, COMO OS INDÍGENAS, FORAM AS TENTATIVAS DE TIRAR O QUE ERA NOSSO, NOSSA CULTURA, NOSSA RELAÇÃO ANCESTRAL COM A TERRA, COM AS MATAS”

Izabel Maria do Espírito Santo Grossi/
Mãe Izabel de Oxum

Médium João, mais conhecido como “João sorriso”

Médiuns da Casa de Cura Cabocla Jurema

Ponto de força e proteção para as oficinas

Pajé Chicão, abrindo os trabalhos da oficina da Mãe Izabel de Oxum

DAS MATAS DO CEARÁ PARA O PIAUÍ: HISTÓRIAS DE VIOLÊNCIAS, RESILIÊNCIAS E RETOMADAS DAS ANCESTRALIDADES INDÍGENAS

No início do século XIX, por volta da década de 1830, chegaram os primeiros habitantes à região onde hoje se encontra a comunidade Canto da Várzea. Francisco Miguel Leite, vindo do Ceará, instaalou-se com sua família, alguns escravizados e indígenas. Nesse território nasceram Pedro Leite e Gonçalo Leite, dando início à linhagem das famílias tradicionais da região. Na geração seguinte, Gonçalo Leite teve como filha Luzia Amada de Jesus e Antônio Gonçalo Leite. Já Pedro Leite foi pai de Maria Leite, Nenzinha Leite, Josefa Leite, Antônio Pedro Leite e Pedro Leite Filho. Essas famílias foram fundamentais na formação e no desenvolvimento da comunidade, marcando a história local com suas tradições, crenças e modos de vida. Durante a grande seca de 1915, muitas famílias cearenses migraram em busca de sobrevivência e melhores condições de vida, entre elas estavaam famílias indígenas que se estabeleceram no Canto da Várzea.

Maria Auxiliadora/Presidenta da Associação Indígena

Entre os migrantes destacaram-se Chica Cearense — mãe de Maria Ferreira, cuja fotografia está exposta no Museu do Piauí —, além de Maria Cabeça Chata, indígena vinda dos Inhamuns (Ceará), Hermínio Mão de Onça, Antônio Casaco, a família de Filinto e a família de Hermínio. Por volta da década de 1920, foi construída a Igreja de São Francisco, que se tornou um ponto de fé e união para os moradores do Canto da Várzea, contudo, anos depois, a igreja foi demolida em razão de uma lei que exigia que os proprietários de terras doassem um hectare para a Igreja Católica, o que gerou controvérsias e levou à derrubada da edificação. A comunidade ficou por décadas sem um templo religioso.

Lideranças indígenas reunidas nas oficinas

Somente na década de 1980 ocorreu uma grande renovação da fé local. O casal Francisco Emanuel de Sousa, conhecido como Adauto, e sua esposa Hilda Ribeiro Leite de Sousa foram os fundadores da Igreja Católica Nossa Senhora do Bom Parto, devolvendo à comunidade seu espaço espiritual. Eles doaram as terras para a paróquia e dedicaram mais de quarenta anos de serviço e devoção à comunidade, junto ao povo Tabajara Ypy. Entre 2010 e 2012, começaram as articulações da Comunidade Indígena Tabajara Ypy, feitas por Pajé Vitor, Pajé Chicão e Romeu Tavares, representante da Funai, impulsionadas pela resistência e pelo orgulho das origens. O movimento resultou, em 2015, na fundação oficial da Comunidade Indígena Canto da Várzea.

A comunidade passou a se destacar não apenas pela sua história, mas também por seu conhecimento ancestral, especialmente no uso das ervas medicinais e nas práticas espirituais tradicionais. Com o passar dos anos, a comunidade cresceu de forma expressiva. Atualmente, é formada por 83 famílias, totalizando cerca de 220 pessoas. Esse crescimento reflete não apenas o aumento populacional, mas também o fortalecimento da união, da cultura e da espiritualidade do povo Tabajara Ypy. Cada nova geração tem contribuído para preservar as tradições, proteger o território e transmitir os conhecimentos dos antepassados, garantindo que a identidade do povo permaneça viva e resistente.

Atualmente, a Comunidade Tabajara Ypy é reconhecida como um importante Centro de Pesquisa Cultural e Escolar, atraindo visitantes do Piauí e de outros Estados. Sua força está na união e na preservação da sabedoria indígena, transmitida de geração em geração, tornando-se um exemplo vivo de resistência, espiritualidade e coletividade. A liderança da comunidade é compartilhada entre três grandes nomes: o Pajé Vitor, o Cacique Marcos Queiroz e Maria Auxiliadora, Presidenta da Associação. Juntos, eles lutam pelos direitos de seu povo, defendendo políticas públicas, o reconhecimento do território, o acesso à saúde, à educação e à valorização da cultura Tabajara Ypy.

História narrada por: Pajé Vitor (Vitorino Leite de Sousa)/Tabajara Ypy
Escrita e revisada por: Carlos Eduardo Castro Cruz/ Tabajara Ypy

Os Pajés reunidos para a abertura dos trabalhos

Grupos das oficinas reunidos para trocas de experiências

Maria Mercês/liderança indígena/esposa do Cacique Marcos

Dona Lindalva – médium do Terreiro da Mãe Izabel

Karllos Miguel – médium do Terreiro da Mãe Izabel

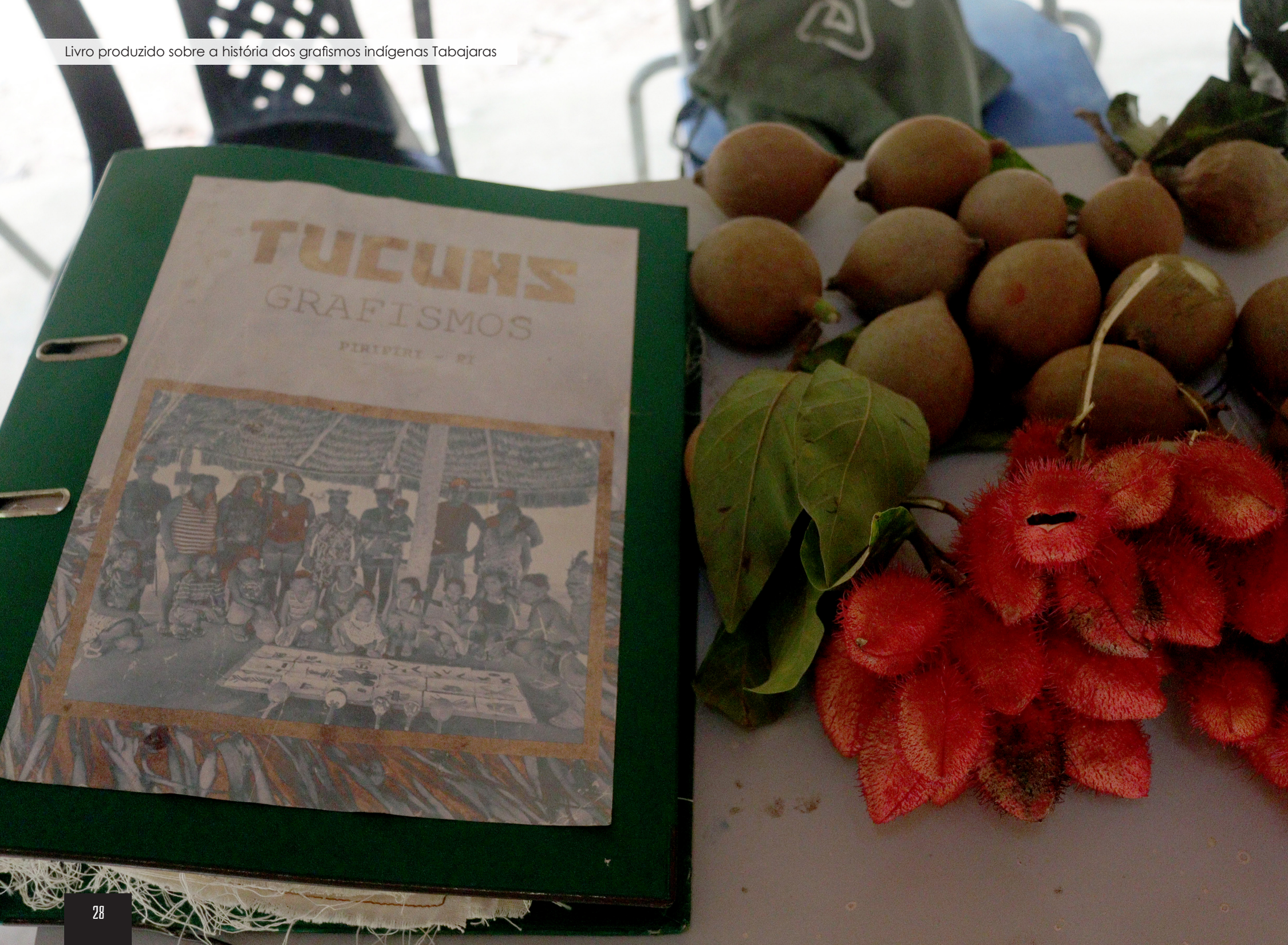
Momento de pintura corporal antes das oficinas

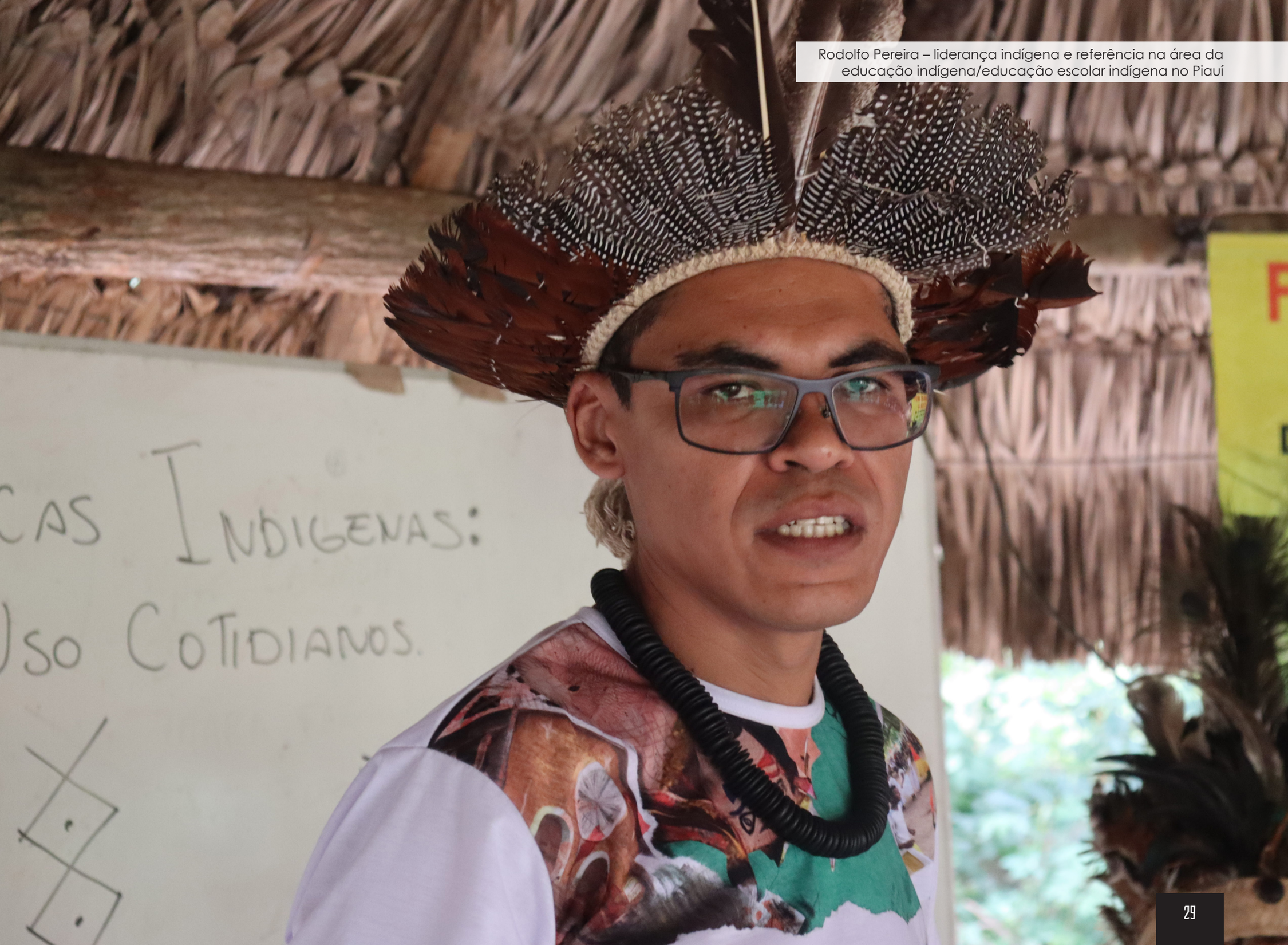
Lideranças indígenas pedindo força e proteção na aroeira sagrada

Pajé Vitor, em momento de concentração na aroeira sagrada

À esquerda, Adrya Tabajara, liderança indígena da juventude de Piripiri, ao meio Pajé Vitor, à direita Mãe Djenane, Mãe de Santo e grande liderança indígena Tabajara

Livro produzido sobre a história dos grafismos indígenas Tabajaras





Rodolfo Pereira – liderança indígena e referência na área da educação indígena/educação escolar indígena no Piauí

Maria Auxiliadora/liderança indígena e presidenta da Associação

Jenipapo utilizado para as pinturas corporais

Lideranças indígenas reunidas em roda de conversa

Momento de conexão ancestral na aroeira sagrada

O encanto de pertencer a terra, ainda que invadida, explorada e violentada, é a certeza do que somos, não do que passamos, pois é na persistência, no entendimento e paciência do Tempo que cada semente nasce e vingam-se os frutos.

Oré indígenas tabajaras, aprendendo com a fumaça a renascer das cinzas e uns com os outros a nos adaptarmos às adversidades da nossa própria natureza, a sermos resistentes à seca e queimadas, confiantes que a chegada da chuva é inevitável.

Nossa terra foi firmada por nossos ancestrais, que permanecem vivos em nossas memórias e potentes nas insistências do corpo de retomar a si. A cada ritual, a quebra de dormência, cada ser em seu momento, envolvidos entre tejus, cupins, jiboias, bem-ti-vis e itas materializam e se manifestam como fios de uma grande teia de espíritos guardiões, protetores e curandeiros que regem e confirmam caminhos. Dessa permissão do sagrado que as oficinas tabajaras Ypy, em respeito aos quem vieram antes e a quem agora confia e se entrega à continuidade, foi fundamento para nos deleitarmos como pequenas oferendas e despachos e como seiva, nos alimentando e servindo de alimento para quem nos plantou.

Texto produzido por Adrya Tabajara Itacoatiara/Piripiri/PI

Adrya Tabajara/liderança jovem e Majé em formação

Raspagem do Jenipapo para transformar em tinta

Produção da tinta do Jenipapo

TRADUZIR O IMPONDERÁVEL, COMPREENDER O INEXPLICÁVEL: O COTIDIANO DAS OFICINAS

Momento de acolhimento entre o Cacique Marcos e seu filho João Tabajara

Ao longo da realização das oficinas, reunimos um vasto material imagético de muitos momentos significativos. Resolvemos privilegiar as imagens, em detrimento de textos escritos, pois parte considerável dos momentos registrados foram se tornando intraduzíveis em palavras faladas ou escritas. Ao final das oficinas, retornávamos às nossas casas, sem conseguir "traduzir" as experiências vividas para os formatos "tradicionais". Quase sempre tínhamos contato com mensagens dos caboclos das matas, dos encantados, que de modo verbal, manifestações corporais ou sinais, nos ajudavam a conduzir os trabalhos, sempre num formato planejado por eles e não por nós! No início, por conta de um prévio planejamento, chegávamos ansiosos à Oca dos Ypy para começar os trabalhos, aos poucos, fomos entendendo que o "nosso tempo" não é o "tempo deles". Ao chegar, sempre tinha o cachimbo do Pajé Chicão, "assuntando" as matas e as mensagens dos indígenas, o Pajé Vitor com os seus trabalhos espirituais, os médiuns da casa sentindo energias positivas ou negativas para aquele momento.

Com a frequente presença da Mãe Izabel de Oxum, como ministrante e participante das oficinas, as conduções dos trabalhos tornaram-se cada vez

mais um diálogo entre este mundo e tantos outros mundos, que íamos conhecendo aos poucos, na medida das permissões ancestrais. Nunca se começava uma oficina sem primeiramente a realização de um Toré, uma defumação de limpeza dos participantes, uma essência de ervas nas mãos e no corpo, a permissão dada pelo seu Zé Pilintra da Jurema, seu Tranca Rua e os guias presentes. Fomos entendendo o porquê o início poderia ser 8h, ou 9h, ou 10h, e o término apenas nas madrugadas, às vezes virando o outro dia, tudo organizado, por eles, para dar certo!

Escolher as imagens a serem colocadas no livro foi trabalho intraduzível! Afinal, trabalhamos com valores de publicações que mais ou menos páginas, impactam nos valores finais de receitas sempre apertadas! Portanto, a pergunta era óbvia, mas difícil de se materializar: que imagens entrariam no livro? Por quais motivos? Numa seara de tantos registros significativos, que dialogam diretamente com questões inexplicáveis aos olhos da nossa racionalidade, acreditamos que tais escolhas não foram somente nossas, contamos com diálogos ancestrais que nos ajudaram nesse trabalho, escolhendo inclusive o que não poderia ser registrado. Quantas vezes, retornamos das oficinas com a ideia de que aquela imagem devia ter ficado muito boa, ou, tomara que tenhamos conseguido ter registrado isto ou aquilo e, ao abrir a câmera, aquela imagem não estava lá ou tínhamos conseguido registrar "apenas vultos", imagens borradas, sem qualquer indicação de problemas técnicos.

Certamente, todas as pessoas que tiveram a oportunidade de participar das oficinas, saíram transformadas, não apenas pelo "saber técnico" praticado nas seis oficinas, mas, sobretudo, pela possibilidade de conexão/reconexão com as matas e seus guardiões, portais que se abriam e que emanavam energias nunca sentidas, guias que "apareciam" e que não sabemos onde e como encontrá-los novamente, experiências únicas, quem viveu algo parecido saberá do que estamos falando!

Carlos Eduardo/Médium da Casa de Cura Cabocla Jurema – momento de conexão ancestral durante as oficinas

"NOSSOS ANTEPASSADOS NÃO CONSEGUIRAM NOS DEIXAR COMO HERANÇA A FALA, A ESCRITA, MAS NOS DEIXARAM A MENSAGEM DAS PINTURAS E DOS GRAFISMOS INDÍGENAS"

Rodolfo de Sousa Pereira (Tabajara Itacotiara)

Pajé Vitor, incorporado com seu Zé Pilintra, batizando novo integrante dos Tabajaras Ypy

"NOSSA OFICINA É TAMBÉM SOBRE OS FUNDAMENTOS DE SEU ZÉ PILINTRA DA JUREMA SAGRADA: OS FUNDAMENTOS DA CARIDADE, DA FÉ, DA FORÇA E DA SABEDORIA"

Carlos Eduardo Castro Cruz (Tabajara Ypy)

Altar de Força das oficinas

Mãe Izabel de Oxum, em conversas com seu Zé Pilintra

Pajé Chicão incorporado dos seus guias

UM POUCO DE PAJÉ CHICÃO...

Francisco Gomes Sobrinho, mais conhecido como Pajé Chicão é uma das grandes lideranças religiosas e políticas dos Tabajaras de Piripiri/PI. Não há como ir a Piripiri e não receber a informação de que: ninguém vem à cidade sem que dê uma passada no Museu/Casa do Pajé Chicão. Lá são praticadas curas espirituais, conversas ancestrais, reuniões da comunidade, sendo lugar de aconchego e acolhimento.

Pajé Chicão também é uma das principais referências do artesanato indígena da região, sendo sua residência local de exposição das maracas, cocares, chapéus, guias dos mais diversos formatos, além de outros artesanatos que só encontramos lá. É na Casa/Museu que fica o seu Congá, tendo permissão de entrada restrita apenas àquelas e àqueles que chegam com boas intenções e limpos das maldades do mundo. Também nunca pode faltar o cafezinho e a roda de conversa, para tratar dos bastidores das resistências indígenas e pensar estratégias para o fortalecimento das lutas dos Tabajaras de Piripiri/PI.

Momento na oficina de feitura de instrumentos musicais indígenas

"A PALHA DA CARNAÚBA FOI UM PRESENTE QUE OS NOSSOS ANCESTRAIS NOS DERAM, PARA FAZER NOSSO ARTESANATO, E NÓS TEMOS QUE REPASSAR ESSE CONHECIMENTO PARA TODOS OS NOSSOS PARENTES"

Daniel Rodrigues Sousa (Tabajara Ypy)

Pai Domingos, grande quibandeiro da região e protetor das oficinas

AS MATAS ANCESTRAIS E OS PODERES DA QUIMBANDA NO PIAUÍ

Muito se fala da Quimbanda como sendo espaço para a prática do "mal às pessoas". Para além desse desconhecimento e estereótipo criado, o poder da Quimbanda reside na sua capacidade de conexão profunda com forças ancestrais e espirituais, que só uma boa quimbandeira/um bom quimbandeiro consegue acessar. Atuam sobretudo com Exus e Pombagiras para promover cura, transformação, abertura de caminhos e desenvolvimento pessoal, sempre focando na "crueza" dos nossos sentimentos, na liberdade da tomada de decisões, além do enfrentamento e convivência com os nossos desejos mais profundos, sendo marcada por uma trajetória que busca o autoconhecimento e o respeito ao poder das decisões dos guias. O poder da Quimbanda é o poder da transformação interior, da superação de traumas e conflitos internos, da conexão profunda com as forças da vida e da morte, e da liberdade de ser e se reinventar, utilizando os mistérios dos Reinos para guiar seus praticantes por caminhos de autoconhecimento e poder pessoal.

Os médiuns Carlos Eduardo e João Tabajara, em processo de incorporação

Mãe Izabel incorporada dos seus guias de proteção e seus médiuns

Abertura dos trabalhos das oficinas

Adrya Tabajara

Joseane Tabajara

Gira nas madrugadas, sob a luz da fogueira

Pajé Chicão e Cacique José Guilherme

Mãe Izabel de Oxum, em momento de reverência ao Cacique José Guilherme

Cacique José Guilherme e Pajé Vitor

> "VOCÊS PODEM ATÉ ESTAR APRENDENDO COMIGO AQUI, NO MEIO DAS MATAS, MAS EU, ESTOU APRENDENDO É COM AS ÁRVORES, SÃO ELAS QUE TRAZEM OS NOSSOS SABERES ANCESTRAIS"
>
> *Vitorino Leite de Sousa/ Pajé Vitor*

Da Serra da Ibiapaba ao Reconhecimento: A Trajetória do Cacique Zé Guilherme na Luta Tabajara no Piauí

A história do cacique José Guilherme da Silva se confunde com a própria história de resistência e reorganização do povo Tabajara no Piauí, estado onde durante décadas prevaleceu o discurso oficial da inexistência de populações indígenas. Nascido na Serra da Ibiapaba, no Ceará, berço tradicional de seu povo, Zé Guilherme migrou ainda na infância, por volta de 1978, para o Piauí. Junto de sua mãe e irmãos, enfrentou a seca e a pobreza, estabelecendo-se primeiro no município de Luís Correia antes de seguir para Piripiri, atraído por melhores condições de vida.

Em Piripiri, trabalhando no mercado municipal, ele e sua família passaram a ser identificados como "índios" por um comerciante local, Waldecy José de Souza. Esse reconhecimento externo, ainda que baseado em estereótipos, foi um marco, mas a afirmação identitária plena só viria com a organização política. O ponto de virada ocorreu em 2005. Motivado pela possibilidade de acessar políticas públicas como o Programa de Combate à Pobreza Rural

Aramires Tabajara – momento de incorporação dos guias das matas

"SERÁ QUE AQUELES QUE NÃO RESPEITAM OS INDÍGENAS, TENTANDO SÓ FAZER O MAL PARA O OUTRO, TAMBÉM NÃO VÃO CAIR UM DIA? ELES VÃO CAIR, PORQUE QUEM SÓ QUER VER O MAL DOS OUTROS VAI TOMBAR, POIS ESSE DIA ESTÁ PERTO DE CHEGAR! NÓS NÃO PENSAMOS EM NÓS QUANDO COMEÇAMOS A FAZER A LUTA INDÍGENA, NÓS SÓ PENSAMOS NO BEM QUE PODERÍAMOS FAZER PARA OS OUTROS"

Francisco Gomes Sobrinho/
Pajé Chicão

(PCPR), José Guilherme, com a mediação crucial do antropólogo Hélder Ferreira de Sousa, reuniu famílias que se identificavam como indígenas e fundou a Associação Itacoatiara de Remanescentes Indígenas de Piripiri. Esta foi a primeira associação indígena do Piauí no século XXI, um ato fundante que desafiou a narrativa de extinção dos povos originários no estado.

Sua liderança natural o levou a um encontro de povos indígenas em Fortaleza, por volta de 2007, onde um pajé de Roraima o proclamou publicamente como o primeiro cacique do Piauí, investindo-o dos símbolos do cargo, como os brincos de bambu (taias "tabocas") que passou a usar permanentemente. Sob sua liderança, a comunidade Tabajara de Piripiri engajou-se no que chamam de "alevante" – o processo de emergência étnica. Eles (re) aprenderam e passaram a praticar o ritual do Toré, iniciaram a confecção de artesanato, adotaram o uso de cocares e grafismos e consolidaram o etnônimo Tabajara, resgatado da memória coletiva que liga suas origens à Serra da Ibiapaba.

Em 2007, a comunidade foi contemplada no Prêmio Culturas Indígenas - Edição Xicão Xucuru, usando o recurso para adquirir um terreno e construir uma oca, um espaço simbólico de reuniões e planejamento. A luta persistente por direitos resultou, em 2022, na titulação de um território coletivo de 156 hectares no povoado Tocaia, uma conquista histórica, ainda que insuficiente para atender a todas as 287 famílias Tabajara já contabilizadas no município. Hoje, José Guilherme é reconhecido como Patrimônio Vivo do Piauí e cacique honorário. Sua sala de casa, repleta de objetos étnicos, é um museu vivo de sua cultura, e em 2022, já como a liderança indígena mais velha do estado, teve sua história registrada pelo Censo Demográfico, simbolizando a superação de séculos de silenciamento. Sua trajetória, da migração forçada à consolidação como principal liderança do ressurgimento indígena piauiense, é a materialização do dito de seu povo: "se escondeu para resistir e apareceu para existir".

Aramires sendo conduzida pelo Pajé Chicão

Texto produzido por
Elanne Soares Valeriano

Cerimônia de limpeza espiritual e pedido de forca das lideranças ancestrais

Cacique José Guilherme em momento de conexão ancestral

Lideranças espirituais reunidas

Pajé Chicão incorporado dos Erês

Pajé Chicão e a médium Dona Lindalva

Momento de cura entre os pajés

Lideranças religiosas e comunidade reunida nas oficinas

CRÉDITOS

FICHA TÉCNICA

Organizadores
Agostinho Junior Holanda Coe
Maria Auxiliadora do Nascimento Oliveira
Vitorino Leite de Sousa

Fotografia/Edição de imagens e vídeos
Isabela Cristina Abreu Pereira
Yara Jenifer Tavares Pedreira

OFICINAS

1 - A história dos povos indígenas do Piauí e suas ligações com os quilombos e povos de terreiro
MINISTRANTE: Izabel Maria do Espírito Santo Grossi/Mãe Izabel de Oxum

2 - O uso de ervas medicinais e seus potenciais de cura
MINISTRANTE: Vitorino Leite de Sousa/Pajé Vitor

3 - Pinturas etnográficas indígenas: características e usos cotidianos
MINISTRANTE: Rodolfo de Sousa Pereira

4 - Tambor/percussão e feitura de instrumentos musicais/rituais indígenas
MINISTRANTE: Carlos Eduardo Castro Cruz

5 - Trabalho e artesanato voltado para a utilização da palha da carnaúba
MINISTRANTE: Daniel Rodrigues Sousa

6- Toré e principais rituais/celebrações indígenas
MINISTRANTE: Francisco Gomes Sobrinho/Pajé Chicão

Para além das oficinas de fortalecimento das ancestralidades indígenas, tivemos a oportunidade de fortalecer muitas amizades durante três meses intensos em Piripiri/PI. Toda oficina era imprevisível, não sabíamos como ia começar e nem como/quando ia finalizar. Algumas entravam pela noite, pois havia o tempo dos guias da floresta, dos encantados, que queriam se manifestar de outras formas nas giras, com a permissão de seu Zé Pilintra, seu Tranca Rua, seu Tupinambá, Cabocla Jacira. O nosso agradecimento, primeiramente, pelas permissões ancestrais! Quantas vezes, fumando o seu cachimbo no meio da mata, Pajé Chicão adentrava a Oca e dizia que era para esperar ou começar imediatamente, ouvindo as mensagens dos guias nas matas! Agradecemos, portanto, aos encantados, a todos os seres das matas, a todos os guias, que estiveram conosco, nos dando força e nos mostrando os caminhos a serem trilhados durante as oficinas.

Agradecimento especial ao Seu Zé Pilintra da Jurema, guia de frente do Pajé Vitor, pois sempre estivemos na sua presença, nos dando o apoio e a permissão para a realização dos trabalhos! Por fim, nossa gratidão a todas as pessoas que estiveram presentes, muitos se deslocaram de lugares distantes para estarem conosco! Alunas, alunos da UFPI e de outras instituições de ensino, representantes dos mais diversos órgãos e secretarias, lideranças e médiuns do Terreiro da Mãe Izabel de Oxum, a todas e todos que passaram para prestigiar e ajudar na condução dos trabalhos! Na força e respeito aos nossos ancestrais pedimos vida longa ao Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão com Povos e Comunidades Tradicionais ("PIAUÍAFROINDÍGENA") e ao Projeto de Extensão Saberes e Fazeres Afro-indí genas no Piauí, nessa luta diária de retorno às nossas verdadeiras identidades latino-americanas, brasileiras, tão atacadas e esquecidas. Sigamos firmes e fortes!

"EU SOU O CACIQUE MARCOS, MAIOR LIDERANÇA DOS TABAJARA YPY, E JUNTO DOS OUTROS CACIQUES E PAJÉS, SEI DO TAMANHO DA RESPONSABILIDADE QUE TENHO COM A COMUNIDADE. TODA DECISÃO PRECISA PASSAR PRIMEIRO PELO CACIQUE, PORTANTO, TODO MOVIMENTO EU TENHO QUE ESTAR POR DENTRO, PARA SABER SOBRE AS DECISÕES QUE ESTÃO SENDO TOMADAS EM RELAÇÃO AOS INDÍGENAS"

Cacique Marcos/Tabajara Ypy

"EU SOU JOSÉ GUILHERME DA SILVA, RECONHECIDO COMO CACIQUE ZÉ GUILHERME, O PRIMEIRO CACIQUE DO PIAUÍ. DESCI DA SERRA DA IBIAPABA COM OITO ANOS DE IDADE, GANHEI O PIAUÍ, NO MEIO DAS CARGAS DE CACHAÇA, DE FRUTAS, DE FUMO. TENHO GRANDE RESPONSABILIDADE COM OS INDÍGENAS DO PIAUÍ, E JUNTO DO REI DOS ÍNDIOS, TRABALHO PELO RECONHECIMENTO DOS NOSSOS PARENTES E PELA CURA DAS PESSOAS, JUNTO DOS PAJÉS"

Guilherme/ Itacoatiara/Piripiri/PI

ABRIL INDÍGENA FIOCRUZ
21ª
Fiocruz

ABRIL INDÍGENA
FIOCRUZ

21º
FIOCRUZ
Piauí
Conectando a
Ancestralidade e
Ciência:
nfrentamento ao
ismo ambiental
a manutenção
os biomas

eu vim pelo
Pagode
e Diversão.

CAPOEIRA
KALUAN
Educa
ção
Física

FEIRA DE AG
AGROECO

FEIRA DE AGRICULTURA
AGROECOLOGICA
DA COMUNIDADE CANTO DA VÁRZEA
LOCAL: ESCOLA DA COMUNIDADE

Grupo I
FEIRA
AG
DA COM
LOCAL:

All
The

Editora
SERTÃO CULT

Este livro foi composto na fonte Century Gothic, impresso
no formato 30x22cm em papel couchê fosco 115g/m²,
com 80 páginas e em e-book formato pdf.

Dezembro de 2025

Este livro é fruto de um projeto aprovado na Política Nacional Aldir Blanc (PNAB -2025) para a realização de seis oficinas de fortalecimento das ancestralidades indígenas dos Tabajaras Ypy, Canto da Várzea, Piripiri/PI. As oficinas realizadas foram: 1- a história dos povos indígenas do Piauí e suas ligações com os quilombos e povos de terreiro/ ministrante: Izabel Maria do Espírito Santo Grossi/Mãe Izabel de Oxum; 2- O uso de ervas medicinais e seus potenciais de cura/ ministrante: Vitorino Leite de Sousa/Pajé Vitor; 3- Pinturas etnográficas indígenas: características e usos cotidianos/ministrante: Rodolfo de Sousa Pereira; 4- Tambor/percussão e feitura de instrumentos musicais/rituais indígenas/ ministrante: Carlos Eduardo Castro Cruz; 5- Trabalho e artesanato voltado para a utilização da palha da carnaúba/ ministrante: Daniel Rodrigues Sousa; 6- Toré e principais rituais/celebrações indígenas/ ministrante: Francisco Gomes Sobrinho/ Pajé Chicão. Ao longo de mais de três meses, estivemos reunidos para congregarmos com as lideranças indígenas, de Piripiri e outras regiões, bem como oportunizar alunas/alunos do Ensino Básico e Superior a vivência de processos imersivos nas tradições ancestrais dos Tabajaras de Piripiri/PI.

ISBN 978-655421264-9

9 786554 212649

Editora SERTÃO CULT